



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PUCINELI, Fabio Augusto. As palavras fora de cena: um ensaio sobre os palavrões. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, p. 75-49. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

AS PALAVRAS FORA DE CENA: UM ENSAIO SOBRE OS PALAVRÕES

Fabio Augusto Pucineli

RESUMO

Enquanto estudava a obra "A Função do Orgasmo", de Wilhelm Reich, o autor deste ensaio observou que grande parte dos palavrões e xingamentos possuem conotação sexual. Mencionam o corpo e seus segmentos considerados mais impudicos pela moral. Possuem função catártica, na medida em que sua obscenidade subverte controles e escapam, como num marginal orgasmo, que agride e/ou escancara o que é para se manter "fora da cena da vida", mas que perambula pelos corpos, pelas bocas, pelas palavras. A fim de interpretar melhor essas relações, o autor deste ensaio também tomou contato com a obra "Os Palavrões: Virtudes terapêuticas da obscenidade", de Ariel Arango, na qual os palavrões são considerados importantes acessos ao inconsciente. A partir da explícita apresentação de muitos palavrões neste ensaio, como num espontâneo e proposital rompimento com a moral da escrita, busca-se uma singela, porém orgânica reflexão acerca do tema.

Palavras-chave: Palavrões. Corpo. Ensaio. Reich.

"Vai tomar no cu, seu filho da puta; já deu hoje?; caralho, porra, buceta" - são alguns de outros tantos exemplos possíveis de "mantras" repetidos quando algo não acontece da forma esperada ou de conselhos dirigidos a pessoas que, de maneira ou de outra, nos ofendem. O motorista que estaciona em vaga preferencial, por exemplo, demonstra um comportamento individualista, com baixo senso de coletividade, talvez em decorrência de uma equivocada educação familiar. É um filho da puta. Para uma significativa parcela da sociedade, a puta é a mulher que vende sexo, que aluga seu corpo para que outros mal resolvidos com suas energias sexuais possam gozar. Mulher cujo corpo é dos "errantes, dos cegos, dos retirantes, é de quem não tem mais nada". Essa puta supostamente ocupava-se tanto de seu trabalho que não tinha tempo para seu filho, filho que presenciava vez ou outra sua mãe com homens diferentes. Outros homens que tomavam o lugar do pobre menino. Porém, a grande maioria dos filhos da puta não são filhos de putas. Chamar alguém de filho da puta parece ser uma categoria bastante eficaz de ofensa. É rechaçar o primeiro objeto de desejo, uma tentativa de reavivar feridas edipianas.

Filho da puta ou não, o espaçoso e egoísta motorista merece, ou precisa tomar no cu. Seria bom a ele, e a sociedade sabe que se seu esfíncter fosse penetrado por um caralho, a angústia que desconta em suas desatenções e descaso no trânsito poderia ser momentaneamente resolvida com uma bruta e perversa gozada. "Os que estão psiquicamente



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PUCINELI, Fabio Augusto. As palavras fora de cena: um ensaio sobre os palavrões. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, p. 75-49. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

enfermos precisam de uma só coisa - completa e repetida satisfação genital", afirmou Reich (1990, p.89). A sociedade sabe disso. Sabe tanto que expressa sua raiva e seus aconselhamentos intimidadores fazendo menção ao sexo. Porém, herdeira de um significativo medo da vida e para o prazer, os sujeitos pervertem a satisfação sexual e tratam o sexo de maneira violenta e pejorativa.

Reich afirma que

toda manifestação positiva da vida é agressiva: o ato do prazer sexual assim como o ato de ódio destrutivo, o ato sádico assim como o ato de procurar alimento. Agressão é a expressão de vida da musculatura e do sistema de movimento (1990, p.139).

Porém, reforça que a agressividade a qual se refere é equivalente a do animal que ataca para alimentar-se ou por se sentir ameaçado. Não é ódio, mas "instinto de vida".

O ser humano da sociedade industrial moderna, às custas da moral civilizatória, reprime seus impulsos sexuais. O preço, as neuroses. Encouraçado, angustia-se frente as possibilidades de prazer. A energia sexual reprimida bloqueia fluxos, causam estases, tensões, debilidades e medos diversos.

"O medo vira ódio", afirmara o sábio Yoda, numa clara alusão à sabedoria chinesa, durante a reunião do conselho que escolheria Anakin como aprendiz de jedi. O garoto tinha medo de ficar longe e de perder a mãe. Sua sexualidade mal resolvida com a progenitora o levaria, iminentemente, a tornar-se um dos vilões mais temidos da galáxia¹. Segundo Reich, "a ditadura tem as suas raízes no medo irracional das massas a vida" (p.23).

A vida, para o autor, é a oscilação entre tensão e relaxamento, o que resumidamente leva ao prazer. Viver somente na tensão, vítima de forças repressoras, é não experimentar a vida em sua potência. Nesse sentido, Reich (1990) apresenta o conceito de "potência orgástica":

a capacidade de abandonar-se, livre de quaisquer inibições, ao fluxo de energia biológica; a capacidade de descarregar completamente a excitação sexual reprimida, por meio de involuntárias e agradáveis convulsões do corpo.

Não existem neuróticos orgasticamente potentes, segundo ele (p.94).

Ser orgasticamente potente não é só ejacular. Para Reich, a ejaculação é apenas um detalhe orgástico. A satisfação plena ocorre na capacidade de fundir-se com outro, de

¹ Referência a *Star Wars Episode I: The phantom menace*. Direção: George Lucas. Lucasfilm, 1999.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PUCINELI, Fabio Augusto. As palavras fora de cena: um ensaio sobre os palavrões. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, p. 75-49. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

entregar-se ao ato, absorvendo completamente o ego, concentrado nas sensações de prazer, a partir da tensão, na qual "os órgãos ficam cheios de fluidos" seguida de uma carga energética, descarregada no orgasmo e finalizada em satisfatório relaxamento, um "refluir dos fluidos do corpo" (p.234).

Segundo Reich, querer controlar os impulsos da excitação sexual é como querer controlar os movimentos peristálticos do corpo ou mesmo os batimentos cardíacos. Para ele, são eventos orgânicos que estão sob a tutela do sistema nervoso parassimpático. De uma suposta simpatia dos valores morais impostos por instituições de poder, como a igreja, por exemplo, a repressão a esses impulsos gera um mal estar: as neuroses. Não poder concluir o ciclo orgástico em obediência às regras civilizatórias faz com que os sujeitos desenvolvam formas de defesa às rejeições. A moral imposta torna as pessoas encouraçadas. Essa couraça protege tanto das frustrações quanto evita os prazeres e o amor. Existe uma gama de tecnologias para o encouraçamento, que vão de discursos a disposições arquitetônicas que moldam os corpos, as atitudes e as sensibilidades.

Sentir a carga elétrica sem podê-la externalizá-la pode ser doloroso. O sujeito não quer essa dor. Assim, canaliza esse medo do desconforto em agressões que muitas vezes mencionam o sexo, como os palavrões; na pornografia ou em perversões diversas. É uma luta contra a própria natureza, segundo Reich. Para ele,

a divisão das células segue os quatro tempos da fórmula do orgasmo: tensão, carga, descarga, relaxamento, é o processo mais importante na esfera do funcionamento vital. A fórmula do orgasmo poderia também chamar-se fórmula da vida (1990, p.244).

Reich é foda! Estar encouraçado também é foda! A palavra foda é tão foda que é ambígua! É duplamente foda. Do inglês "fuck", a sigla Fornication under consentment of King ("Fornicação Sob o Consentimento do Rei") era colocada nas portas de casas da Inglaterra medieval. Ou seja, para aqueles que podiam foder sob consentimento real, era foda de legal. Mas, quem não podia, estava fodido, era foda.

Porém, apesar dessa interessante explicação etimológica da palavra foda. Ela não é verdadeira. Boatos da internet. O termo tem origem no alemão medieval "fökken", que significa empurrar e, posteriormente, copular. Em inglês, por exemplo, um xingamento muito comum é motherfucker. Fodedor de mãe! Aquele que fode a mãe "empurra-se" ao interior materno,



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PUCINELI, Fabio Augusto. As palavras fora de cena: um ensaio sobre os palavrões. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, p. 75-49. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

penetra-se na confortável e acolhedora caverna uterina, onde é bem nutrido. Um motherfucker alguém que ainda não conseguiu seguir plenamente para a vida.

Para Pais (2015),

(...) os corpos – representados no sexo e na sexualidade – ganham sentido cultural, na medida em que as palavras os habitam. Nos atos de nomeação, as palavras tatuam culturalmente os corpos. Essas tatuagens – entendidas como mediações – são formas de ler o social.

Do corpo à palavra. Da repressão ao palavrão.

Segundo Arango (1991), os palavrões também podem ser acessos ao inconsciente. Representam uma obscenidade supostamente aceita em meio a tantas repressões. Afirma que "(...) os palavrões mencionam sempre partes do corpo, secreções, ou condutas que suscitam desejos sexuais. Os palavrões são sempre palavras obscenas" (p.13). Obsceno é o que está fora de cena, marginal ao "teatro da vida". É o profano, impuro e perigoso, que escapa às normas sociais civilizatórias. Os palavrões seriam também formas de escape, maneiras de aliviar as tensões acumuladas. São também pistas reveladoras, explosões expressivas do inconsciente.

Assim, mandar à "puta que pariu" tem um sentido duplo num certo eixo de libertação. Pode representar a descarga da tensão daquele que xinga e ao mesmo tempo pode ter um viés aconselhador ao xingado, já que o primeiro objeto de desejo para a psicanálise é a mãe, no caso dos homens. Seria uma sugestão para que o xingado busque resolver sua neurose primeira. O ato de xingar pode ser uma poderosa sublimação de latentes, mas presentes, desejos reprimidos.

REFERÊNCIAS

ARANGO, Ariel. **Os Palavrões**: Virtudes terapêuticas da obscenidade. Brasiliense: São Paulo: 1991.

PAIS, José Machado. Das nomeações às representações: os palavrões numa interpretação inspirada por H. Lefebvre. In: **Etnográfica** [Online], vol. 19 (2) | 2015, Online desde 22 Junho 2015, consultado em 22 Junho 2015. URL : <http://etnografica.revues.org/4000> ; DOI : 10.4000/etnografica.4000.

REICH, Wilhelm. **A Função do Orgasmo**. 16a edição. São Paulo: Brasiliense, 1990.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PUCINELI, Fabio Augusto. As palavras fora de cena: um ensaio sobre os palavrões. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, p. 75-49. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

AUTOR e APRESENTADOR

Fabio Augusto Pucineli / Piracicaba / SP / Brasil

Professor de Educação Física, Acupunturista. Mestrando em Educação Física na linha de pesquisa: Tecnologia, Corpo e Cultura (Universidade Estadual Paulista – Unesp – Rio Claro/SP).

E-mail: fapucineli@gmail.com